

FORMAÇÃO DOCENTE E ALFABETIZAÇÃO: Laboratório de Acervos e Práticas (LAP)

Liane Castro de Araujo¹

Eixo temático 7: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores.

Resumo: O texto apresenta o Laboratório de Acervos e Práticas (LAP), da FAGED/UFBA, como espaço formativo no campo da alfabetização, contextualiza-o no âmbito das discussões em torno da formação para a docência, e apresenta as dimensões que o constituem - material, simbólico-cultural e didática. Algumas ações em desenvolvimento no LAP são apontadas.

Palavras-chaves: Alfabetização; formação docente; Laboratório formativo.

Introdução

O cenário atual das políticas públicas de educação, de formação docente e, em especial, de alfabetização, tem exigido dos campos acadêmico, educativo e formativo enfrentamentos e resistências, desde a crescente mercantilização da educação nas últimas décadas até a amplificação mais recente de perspectivas que apostam na instrumentalização dos sujeitos - alunos e professores - no âmbito dos interesses mercantis e ideológicos. No campo específico da alfabetização, enfrentamos uma política reducionista, que opera apagamentos diversos da complexidade e do caráter multifacetado da linguagem e da alfabetização. No campo da formação docente inicial, assistimos à proposta de uma Base Nacional Comum (BNC Formação)² que rompe com uma perspectiva de formação historicamente defendida e legítima interesses e pressupostos do mercado educacional, como indicam diversos autores, como Costa, Mattos e Caetano (2021, p. 898). As autoras argumentam que a BNC-Formação “é a ferramenta para ‘formar professores para ensinar a BNCC’, ou seja, é a estratégia para tornar viável o modelo de escola, educação e formação que o capitalismo contemporâneo projeta”. A formação do pedagogo se reduz aí a um saber-fazer alinhado à BNCC, sendo o profissional docente esvaziado de sua condição de intelectual crítico.

¹ Doutora em Educação e Professora adjunta do Departamento de Educação II e do PPGE da FAGED/UFBA. Contato: lica@ufba.br.

² Resolução nº 2/2019/Parecer CNE/CP nº 22/2019.

Diante desse cenário, o campo firma resistências e reafirma o compromisso sociopolítico em formar profissionais críticos, reflexivos, que possam tanto se engajar no campo pedagógico mais amplo e refletir sobre os fins da educação, quanto exercer sua autonomia fundamentada nos processos educativos, assumindo a autoria em sua ação docente. Como argumenta Gatti (2013, p.55),

[...] prática pedagógica, por ser pedagógica, é ação política, de cidadania, comportando formas de ação guiadas por seus fundamentos, sejam filosóficos, sejam científicos. Implica *fazer pensando e pensar fazendo*, implica saber fazer e porque fazer, ou seja, implica uma *praxiologia*”.

É no contexto dessas discussões que apresentamos o Laboratório de Acervos e Práticas (LAP), da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), como espaço de formação para a docência no campo da alfabetização. O LAP propõe ações de formação didático-pedagógica dos estudantes de Pedagogia, envolvendo e articulando ensino, estágios curriculares, pesquisa, extensão, e ações junto à educação básica. Funda-se na premissa de que a formação para o exercício da docência em alfabetização é fundamental, alinhado ao que discutem Libâneo (2015), Gatti e Nunes (2009) e Roldão (2017) sobre o conhecimento didático-pedagógico como essencial ao profissional docente, articulado a dimensões culturais, pedagógicas e sociopolíticas mais amplas.

O presente trabalho visa a contextualizar o LAP no âmbito das discussões sobre a formação para a docência, a apresentar as dimensões que o constituem - as dimensões material, simbólico-cultural e didática -, e a argumentar que as ações do LAP podem ser significadas como ações de preparação para as “artes do fazer” próprias ao ofício do professor (ARROYO, 2002), e de pensar sobre esse fazer em contextos formativos.

1 Formação docente e alfabetização

A assunção das preocupações com o cenário educacional e político atual, conforme referimos na Introdução, não deve, no entanto, ofuscar o fato de que a natureza da formação inicial nos cursos de Pedagogia nas Universidades é uma questão que vem sendo discutida há muito tempo, ora privilegiando-se a Pedagogia como ciência da educação, ora a formação para a docência. A BNC Formação acena à necessidade de que os cursos de Pedagogia contemplem mais a formação para a docência e, por isso mesmo, é importante não cairmos na armadilha de seu reducionismo, afirmando a docência não como uma formação profissional aplicacionista, mas como campo intelectual e *praxiológico*.

Assim, sem reduzir a formação do pedagogo à ação docente, ressaltamos os saberes que, articulados a tantos outros – de dimensões cultural, teórico-conceitual, pedagógica,

curricular, sociopolítica –, apoiam o trabalho didático, o saber-fazer, entendendo-o não como prescrição instrumental, mas como campo de conhecimento que instrumentaliza o professor, numa visão analítica e reflexiva da didática, que diversos autores, a exemplo de Roldão (2017), nos ajudam a afirmar, afastando-a de tendências prescritivas e aplicacionistas. Entretanto, apesar dessa compreensão ampliada, que os próprios campos da Didática e da formação docente discutem há muito tempo, é fato que, frequentemente, a dimensão didático-pedagógica é minimizada na formação inicial, e estratégias e recursos materiais que apoiam a ação docente são associados a tecnicismos e à instrumentalização neutra. Gatti e Nunes (2009) e Cruz (2017) apresentam pesquisas que apontam que essa dimensão didática, fundamental para a docência, não parece suficientemente contemplada na formação inicial de professores, e Libâneo (2020, p. 60) ressalta que “as críticas ao modelo de racionalidade técnica não poderiam ter deixado os professores desprovidos do ‘saber fazer’”.

No campo da alfabetização, outros autores pesquisaram a questão, como Mascarenhas (2015) e Araújo (2008), revelando que tanto o conhecimento didático quanto o conhecimento linguístico e metalinguístico para abordar o ensino da escrita de modo sistemático carecem de uma abordagem mais substantiva na formação inicial. Ao que poderíamos somar o saber-fazer para articular produtivamente as diversas facetas do ensino da escrita (SOARES, 2016). Gontijo (2014) e Mortatti (2010) apresentam pesquisas que, em geral, indicam que muitas práticas alfabetizadoras seguem lançando mão, explícita ou disfarçadamente, de situações mais tradicionais, com procedimentos análogos aos das cartilhas antigas, distanciando-se das tematizações do campo e, inclusive, das orientações oficiais. Ao que parece, há ainda muitas lacunas em termos dos saberes didáticos para alfabetizar, relativos, em especial, aos aspectos linguísticos e cognitivos da alfabetização, a partir de concepções mais atualizadas e contextualizadas de abordagem da linguagem escrita - mesmo quando a dimensão sociocultural do letramento está presente na ação docente.

Diante desse cenário, podemos argumentar sobre o papel de laboratórios na formação para a docência em alfabetização. Araujo (2018, p. 320) argumenta que os laboratórios apresentam-se como “centros de discussão e desenvolvimento de conhecimentos que contribuem tanto para a formação pedagógica e para o desenvolvimento profissional dos estudantes quanto para sua iniciação em atividades de pesquisa”. Um laboratório formativo no contexto de cursos de Pedagogia tem um papel a cumprir na constituição do que Merieu (2005) chama de “paleta metodológica” do professor - referindo-se ao que extrai de sua memória pedagógica para alcançar os objetivos almejados. É na formação inicial que essa paleta começa a se constituir, numa perspectiva de articulação entre saberes conceituais, culturais, didáticos e pedagógicos.

Nesse sentido, almejamos formar docentes que possam ter, no seu ofício de professor

(ARROYO, 2002), voz, autonomia e autoria fundamentada, a partir dos saberes que vão constituindo ao longo de sua formação, quando se iniciam nessas “artes do fazer” docente. O termo “ofício”, como lembra o autor, remete a um fazer qualificado, profissional: os saberes, segredos e as artes de uma profissão.

2 Dimensões do Laboratório de Acervos e Práticas (LAP)

O LAP nasceu como produto e processo de uma pesquisa intitulada “Jogos e materiais pedagógicos na alfabetização”³ e estrutura suas ações e pesquisas em um tripé cujas dimensões se articulam: as dimensões material, simbólico-cultural e didático-pedagógica. Tais dimensões buscam articular saberes teóricos, didáticos e culturais, sem perder de vista o enquadre sociopolítico da educação, da alfabetização e da formação docente. Apresentaremos brevemente cada dimensão e suas articulações, lembrando que as ações do LAP, como espaço de formação para a docência, se vinculam a contextos formativos.

A dimensão material envolve a pesquisa, criação, produção, avaliação, validação e/ou mobilização de recursos didáticos, atrelando tais recursos a concepções, objetivos de aprendizagem, princípios didáticos, e o “que e como fazer” ao “para que e porque fazer”. Recursos didáticos são, conforme discutem Leal e Silva (2011), a materialização da ação docente e não acessórios dessa ação, numa perspectiva estritamente técnica. Araujo (2018, p. 325) defende que investir na dimensão material,

[...] significa defender que o professor possa constituir um leque de saberes sobre esses recursos e o seu papel na ação docente, a fim de poder fazer escolhas fundamentadas para enriquecer sua prática pedagógica e, principalmente, constituir sua autonomia docente, não apenas para selecionar, mas também para produzir seus próprios materiais.

No contexto de ações promovidas ou em projeto no LAP, estudantes de Pedagogia e docentes da Educação Básica têm oportunidade de analisar e propor situações didáticas com uso de recursos agregados ou produzidos no LAP, além de conhecer, pesquisar e produzir jogos e materiais pedagógicos, discutindo sobre princípios e estratégias didáticas, se apropriando, assim, de diversos saberes que envolvem sua produção e usos qualificados nas práticas alfabetizadoras. O processo de produção, avaliação e validação de recursos são ações importantes do LAP. Definimos um processo de criação de recursos baseado, principalmente, em Leffa (2003) e Dolz (2016), autores que propõem uma sequência de

³ Financiada pelo Programa de Apoio a Jovens Doutores - PROPESQ (UFBA/MCTIC) e validada por Comitê de Ética. Há artigos sobre a pesquisa e o LAP nos Anais do Conbalf (2017 e 2019).

etapas com o objetivo criar instrumentos de aprendizagem, desde o seu planejamento até sua validação. Um instrumento de avaliação está em fase final de elaboração e algumas experiências de validação junto a escolas têm sido realizadas. Oficinas de produção de recursos constituem-se como ação permanente no LAP, mobilizando e divulgando esses acervos, principalmente junto a estudantes e professores da Educação Básica⁴.

A dimensão cultural é intrínseca ao processo educativo e é, portanto, fundamental sua abordagem na formação docente. A dimensão simbólico-cultural do LAP abrange a ampliação de repertórios da cultura lúdica, da tradição oral e da literatura, que se constituem, ao mesmo tempo, em saberes culturais e saberes profissionais. Oficinas e projetos de mobilização desses repertórios favorecem a experiência sensível e a vivência cultural, afinal, essa experiência não é, em si, transmitida, é a partilha de vivências que possibilita a ampliação de repertório, nos níveis individual e coletivo.

Juntam-se a essas ações aquelas que envolvem o repertório cultural materializado em recursos, estabelecendo-se relação com a dimensão material. No acervo do LAP há jogos e materiais estruturados a partir da tradição oral. Entretanto, ainda que tragam textos escritos, supõem usos que assegurem o caráter performático (ZUMTHOR, 1997) do repertório e sua natureza oral e brincante.

Uma nova pesquisa se configurou em articulação com o LAP, intitulada “Textos da tradição oral na alfabetização”, visando a conhecer os discursos docentes sobre esses gêneros na escola. O repertório da oralidade lúdica - muito privilegiado e produtivo para alfabetizar, conforme discutem Araujo (2019) e Belintane (2013) - é abordado, na pesquisa e no LAP, como cultura lúdica e prática de oralidade, e no letramento e alfabetização de crianças.

Para abordarmos a dimensão didático-pedagógica, por sua vez, é preciso ressaltar que não são os recursos e repertórios em si mesmos que garantem a aprendizagem, embora possam ser abordados ou estruturados de modo a favorecer reflexões sobre o objeto de conhecimento. É a ação docente que organiza a situação didática a partir desses recursos e repertórios de modo a propiciar aprendizagens. Desse modo, essa mediação precisa ser tomada como parâmetro em ações formativas e, portanto, a dimensão didática atravessa todas as ações do LAP, já que este é um espaço formativo por excelência, envolvendo saberes que vão orientar as escolhas diante de desafios da prática educativa. Ao abordar recursos didáticos e repertórios culturais no contexto do ensino, pesquisa e extensão, ao mobilizá-los em oficinas e validá-los em contexto escolar, a dimensão didática sempre está

⁴ Para conhecer mais sobre os recursos ver <http://oficinasdealfabetizacao.blogspot.com/>. Sobre o LAP: https://www.instagram.com/lap_faced.

presente. Além disso, o LAP prevê também ações de efetivo planejamento e realização de situações didáticas em contextos formativos e escolares, e sua articulação em uma rede de outras estratégias didáticas.

Ressalta-se, por fim, a importância de que os “objetos de ensino” se aproximem dos “objetos culturais” e, sejam eles materiais ou simbólicos, tenham estatuto cultural e não apenas pedagógico. Nisso reside o equilíbrio entre as dimensões do LAP e entre as funções didática e lúdica, didática e estética, que buscamos garantir.

Considerações Finais

Laboratórios envolvendo a formação de alfabetizadores/as têm surgido em algumas Universidades, com ênfase na formação didática de futuros/as docentes. Se, por um lado, precisamos superar perspectivas aplicacionistas de didática e de docência, por outro, é preciso assegurar os saberes profissionais, de caráter didático, prático, sem perder de vista as dimensões cultural, ética e política. Longe de uma visão de formação para a aplicação de um conjunto de procedimentos e técnicas neutras, os laboratórios formativos se configuram como espaços de pesquisa e formação de docentes que possam constituir seus trajetos autorais e implicados e formar sujeitos plenos e ativos diante da cultura oral e escrita, e não sujeitos instrumentalizados.

Autoria e autonomia docente envolvem fazer boas escolhas e tomar decisões cotidianas, processo que, como nos ensina Freire (1996), é responsável. Cabe à formação inicial fortalecer a docência como profissão intelectual e prática e, desde o início, formar os/as estudantes para tal responsabilidade.

Ao contextualizarmos o LAP no âmbito da formação para a docência e no cenário atual das políticas e resistências, reiteramos a relevância da discussão sobre estratégias e recursos didáticos para a alfabetização em contextos lúdicos, significativos, reflexivos e letrados, integrando aprendizagens relativas à escrita alfabética como instrumento cultural, e seus usos nas práticas sociais. Enfatizar os aspectos didáticos e linguísticos, nessa perspectiva, não é dar aval a práticas que incidem apenas na faceta linguística da alfabetização ou que artificializam a língua, nem colocar o rico contato com as práticas letradas e a linguagem viva, pulsante, em segundo plano, como momento posterior, após a aprendizagem do que seria “supostamente” básico e cientificamente referendado, como na retórica da Política Nacional de Alfabetização (PNA).

O LAP segue fortalecendo ações na FACED, articulando-se coletivamente com outros laboratórios, fazendo coro com uma resistência potente a tais reducionismos nos campos da alfabetização e da formação docente. Sublinhamos, dessa forma, o caráter sociopolítico de

ações que visam a formar docentes sujeitos de sua formação e de sua prática, e que não se seduzam por discursos salvacionistas e reducionistas. E a formação inicial tem um papel importante a cumprir nesse sentido.

Referências

ARAÚJO, Jacylene M. de Oliveira. **A formação do professor alfabetizador em cursos de Pedagogia**: contribuições e lacunas teórico-práticas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

ARAÚJO, Liane Castro de. A dimensão material da ação e formação de alfabetizadores. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 27, maio/ago. 2018, p. 311-329. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/16617>. Acesso em: 20/05/2021.

_____. Textos da tradição oral: reflexão fonológica e cultura lúdica infantil. In: GONÇALVES, Suzane Vieira; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; MICHEL, Caroline Braga (Orgs.). **Práticas educativas no contexto do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**: desafios e possibilidades. Curitiba: Appris, 2019, p. 99-120.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANDAU, Vera M. A didática e a formação de educadores- da exaltação à negação: a busca da relevância. In: _____. (Org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 13-24.

COSTA, Eliane Miranda; MATTOS, Cleide Carvalho de; CAETANO, Vivianne Nunes S. Implicações da BNC- Formação para a universidade pública e formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. esp.1, p. 896–909, 2021.

CRUZ, Giseli B. da. Ensino de didática e aprendizagem da docência na formação inicial de professores. **Cadernos de Pesquisa**, v.47 n.166, p.1166-1195, out./dez. 2017.

DOLZ, Joaquim. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. **Delta**, v. 32, n. 1, p. 237-260, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete; NUNES, Marina (Orgs.). Formação de professores para o ensino fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em Pedagogia, Língua Portuguesa, Matemática e Ciências Biológicas. **Textos FCC**, São Paulo, v. 29, 2009.

GATTI, Bernadete. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Editora UFPR.

GONTIJO, Cláudia Maria M. **Alfabetização**: políticas mundiais e movimentos nacionais. Campinas/SP: Autores Associados, 2014.

LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alexsandro da (Orgs.). **Recursos didáticos e ensino da língua portuguesa**: computadores, livros...e muito mais. Curitiba: Editora CRV, 2011.

LEFFA, Wilson. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: _____. (Org.).

Produção de materiais de ensino: teoria e prática. Pelotas: Educat, 2003

LIBÂNEO, José Carlos. Formação de Professores e Didática para Desenvolvimento Humano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, abr./jun. 2015.

_____. Implicações epistemológicas no campo teórico, investigativo e profissional da Didática e desafios políticos e pedagógico-didáticos em face do desmonte da educação pública. In: CANDAU, Vera; CRUZ, Giseli; FERNANDES, Claudia. **Didática e fazeres-saberes pedagógicos:** diálogos, insurgências e políticas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.

MASCARENHAS, Selma Mendes. **O curso de pedagogia:** o que dizem os egressos sobre o seu lugar de professor alfabetizador. Feira de Santana, 2015.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula:** o fazer e o compreender. orto Alegre: Artmed, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário L. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15 n. 44 maio/ago. p. 329-410, 2010.

ROLDÃO, Maria do Céu. Conhecimento, didática e compromisso: o triângulo virtuoso de uma profissionalidade em risco. **Cadernos de Pesquisa**, v.47 n.166 p.1134-1149 out./dez. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: Hucitec, 1997.